

INCURSÕES NO TEMPO: UMA (RE)INVENÇÃO DO CONTO “ED E TOM”, DE SILVIANO SANTIAGO¹

Héber Ferreira de Souza (UFES)²

Resumo: Este artigo apresenta uma releitura do conto “Ed e Tom”, de Silviano Santiago. Principia o percurso, analisando como os dados temporais estão dispostos no texto. Em seguida, observa a forte presença da metalinguagem, evidenciando que, nela, se performa o narrador e, a partir dela, surgem indícios de autoria. Por último, analisa o uso sutil (e recorrente) da metáfora, como dispositivo que amplia as possibilidades inventivas da narrativa em voga. Ancora a argumentação em aportes-teóricos pertinentes à investigação acerca da autoria, como os de Roland Barthes, Roger Chartier, Eurídice Figueiredo, Leonor Arfuch e outros autores que dialogam com o recorte temático proposto.

Palavras-chave: Autoficção; “Ed e Tom”; Metalinguagem; Temporalidade.

Considerações iniciais

De acordo com Eurídice Figueiredo (2013), o termo autoficção é uma invenção creditada ao escritor francês, radicado nos Estados Unidos, Serge Doubrovsky, que o empregou em 1977, para definir o acordo de leitura de seu romance “Fils”³ – uma obra que surgiu em resposta ao desafio lançado por Philippe Lejeune, em “O pacto autobiográfico”, no qual este escritor indagava “se seria possível haver um romance com o nome próprio do autor, já que nenhum lhe vinha à mente” (FIGUEIREDO, 2013, p. 61). Conforme Figueiredo (2010), a autoficção, embora assumindo novas roupagens, acabou por ocupar o lugar de filho bastardo, híbrido textual quase sempre desprezado pela crítica, reservado tradicionalmente pelo romance autobiográfico. Para a autora, trata-se de “um gênero que embaralha as categorias de autobiografia e ficção de maneira paradoxal ao juntar, numa mesma palavra, duas formas de escrita que, em princípio, deveriam se excluir” (FIGUEIREDO, 2010, p. 91).

Já dicionarizado na França, o termo “autoficção” atravessa as fronteiras desse país em direção a outros espaços, chegando até nós na condição de etiqueta para nomear práticas de autoescrita. Isso para ficarmos apenas no campo literário.

Partindo do conceito que define a autoficção como “narrativas descentradas, fragmentadas, com sujeitos instáveis que dizem “eu” sem que se saiba exatamente a

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à pesquisa e Inovação do Espírito Santo.

² Doutorando em Letras (Ufes), Contato: heberfs2000@hotmail.com.br

³ Nesse romance, Doubrovsky cede seu nome próprio ao protagonista-narrador.

qual instância enunciativa ele corresponde” (FIGUEIREDO, 2013, p. 61), escolho o conto “Ed e Tom”, de Silviano Santiago, para apontar indícios dessa tendência literária contemporânea, no tocante à temporalidade, à metalinguagem e ao uso da metáfora, como recursos autoficcionais.

Numa entrevista dada ao Programa Vereda Literária, no dia 3 de agosto de 2001, Silviano Santiago, ao resgatar a sua história de vida acadêmica e profissional, se define como “cigano”, devido à sua trajetória geográfica e artística de constantes deslocamentos. Partindo da cidade de Formiga, em Minas Gerais, rumo a diferentes lugares, no Brasil e no Exterior, vive a experiência de um trânsito fluente entre a atividade de docência e o exercício da escrita.

Considerando dados transculturais de sua obra, o projeto literário desse autor pode também ser definido como cigano, tendo em vista que nasce para ser universal, ou seja, para não fixar raízes em lugar algum. Foi traçado numa trajetória que ultrapassa barreiras geográficas, temporais e culturais. Surge para o mundo, percorrendo os mais ínfimos e ininteligíveis labirintos da alma do autor, do narrador, dos personagens; enfim, do homem dentro e fora da escrita, num movimento em que as fronteiras entre o real e o fictício são porosas, e assinalam que a boa literatura origina-se do cerne de experiências humanas, colocando em xeque os preceitos dicotômicos que insistem em distanciar o vivido e o inventado. Dessa forma, o caminho entre as diferentes faces temporais torna-se bem mais estreito e inter cruzado, e a função autor reconfigura-se não para ser posta na berlinda, justificando ou esclarecendo as histórias mal contadas pelos narradores de suas obras, mas para revelar que todo autor é um ser histórico, portanto, indubitavelmente, traz na escrita marcas de sua história.

Sobre o conto “Ed e Tom”, escrito por Silviano Santiago, podemos afirmar que se trata de uma “história mal contada”. Ele justifica a ideia de que, na autoficção, o sujeito narrado é um sujeito fictício justamente porque é narrado, ou seja, é um ser de linguagem; assim não pode haver adequação entre o autor, o narrador e o personagem, entre o sujeito do enunciado e o sujeito da enunciação, entre o sujeito em princípio pleno (o escritor) e o sujeito dividido, disperso, disseminado, da escrita (FIGUEIREDO, 2013, p. 67).

Nesse sentido, é possível afirmar que “Ed e Tom” está escrito num tempo de fronteiras⁴, ou seja, apresenta-se como lumes de ações imbricadas num espaço narrativo marcado pela imprecisão, pela mistura, pela indecidibilidade de que a autoficção dá conta. Um simples clichê como “Meia volta, volver” (SANTIAGO, 2005, p. 50) pode, na narrativa, indiciar dados histórico, social ou até mesmo subjetivo, além de servir de ponto de ruptura no modo tradicional de ler a cronologia dos acontecimentos, propondo, a partir de então, uma leitura sob a lente caleidoscópica. Nessa obra, o tempo linear sai de cena, e dá lugar a um tempo “ido”, “fantasiado”, “prefigurado”.

Antes de qualquer empreitada de análise, penso ser importante apresentar uma síntese do conto em tela e da obra que o comporta. Ressalto de antemão, com o cuidado que o caso requer, que se trata de uma invenção meramente didática, com o fim específico de melhor situar o leitor acerca da reflexão aqui proposta. Haja vista que o conjunto das tramas paginadas no livro de Silviano Santiago nos oferece diferentes caminhos interpretativos. Isso posto, começarei pela apresentação da obra.

“Histórias mal contadas”, escrita por um “falso mentiroso”, a exemplo do narrador do último romance de Silviano Santiago, é composta por doze contos dispostos em uma sequência de cinco “Histórias mal contadas” e sete “Histórias apropriadas”. Os cinco primeiros contos remontam às experiências de um jovem universitário brasileiro, na década de 1960, cuja vivência é atravessada pelo contato com as culturas norte-americana e francesa, em função de seus deslocamentos. Já os outros sete contos, escritos numa linguagem pautada no limiar entre diferentes gêneros, trazem a lume algumas personalidades marcantes do passado, no intento de homenageá-las, tecendo paralelamente um quadro engenhoso da cultura brasileira.

Já o conto “Ed e Tom”, terceira “história mal contada” por Silviano Santiago, aborda, de maneira singular, duas problemáticas que assolam o terreno da sociedade norte-americana: a pedofilia e o alcoolismo. Narrado em primeira pessoa, revela, embora de maneira nebulosa, a história de um professor que, no ano de 1962, troca o Brasil pelos Estados Unidos, com o objetivo de lecionar na Universidade do Novo México. Num primeiro movimento narrativo, o narrador conhece, em momento de

⁴ O significado metafórico de fronteiras, adotado por Peter Burke em “O que é História Cultural?”, está muito além de ser delimitado por “muros ou arames farpados”, desvia-se do sentido de barreiras, divisões ou zonas de contenção, para se constituir como espaço de encontros, lugar de contato, de misturas culturais e de múltiplas possibilidades (BURKE, 2010).

happy hour, Ed - um descendente de Polonês, de 42 anos; executivo de uma multinacional do ramo do petróleo; filho adotivo do próprio sogro e um alcoólatra confesso. Já num segundo movimento, o narrador ao aceitar a proposta de trabalhar na Universidade de Rutgers, tem a oportunidade de conhecer o colega de profissão Tom, que, “coincidentemente”, é cunhado de Ed. O desenlace da narrativa se dá na descoberta de que Tom é preso sob a acusação de pedofilia. À guisa de arremate, pode-se dizer que “Ed e Tom” é enredado, dentro de um recorte específico, por mistura de diferentes histórias, tempos e espaços.

A temporalidade em “Ed e Tom”

Logo nas primeiras recuperações da memória do narrador, aparecem brechas, falhas, dúvidas – típicas da perspectiva contemporânea sob a ótica da temporalidade. Pode-se observar, no período de abertura da narrativa: “Conheci primeiro o cunhado” (SANTIAGO, 2005, p. 49), que a estrutura do relato aponta para o jogo da imprecisão. Ora, o título do texto é formado por dois nomes: “Ed” e “Tom”. O percurso inicial da leitura incide na dúvida de quem seria o cunhado mencionado: Ed ou Tom? Somente na progressão narrativa, é possível perceber que a afirmação do narrador, aparentemente despreziosa, está carregada de significação. Pode ser dada a ler como camuflagem de tempos distintos que se interlaçam. Ou seja, ainda que se refira a Ed, faz alusão, no seu intento, também a Tom. Nesse recorte, estão ligados, numa única estrutura, dois personagens, duas histórias e tempos diversos. Na mesma sequência, se observa a lacuna existente na memória do narrador causada pela indecisão, falta de clareza, quando tenta recuperar a época do ocorrido: “Um mês depois de o presidente Kennedy ter sido baleado no Texas. Três dias depois de eu ter desembarcado pela primeira vez no aeroporto de La Guardia” (SANTIAGO, 2005, p. 49). Aqui, aparecem um acontecimento histórico (a morte do presidente) e outro eventual (a viagem do narrador), como delimitações temporais para (ou tentar) localizar os elementos da história.

Ao ser lido como autoficção, a lógica temporal do conto em foco calha com a ideia de Leonor Arfuch acerca de temporalidade:

Falar do relato, então, dessa perspectiva, não remete apenas a uma disposição de acontecimentos – históricos ou ficcionais – numa ordem sequencial, a uma exercitação mimética daquilo que constituiria

primariamente o registro da ação humana, com suas lógicas, personagens, tensões e alternativas, mas a forma por excelência de estruturação da vida e, conseqüentemente, da identidade, à hipótese de que existe, entre a atividade de contar uma história e o caráter temporal da experiência humana, uma correlação que não é puramente acidental, mas que apresenta uma forma de necessidade “transcultural” (ARFUCH, 2010, p. 112).

Sendo assim, a fala do narrador de “Ed e Tom” possibilita o descondicionamento do olhar do leitor em relação ao tempo, quando afirma poder resumir o que ele e Ed conversavam no bar: “Tantos anos se passaram, que posso colocar em ordem e na boa perspectiva; em suma, posso resumir o que Ed e eu conversamos no bar do Savoy” (SANTIAGO, 2005, p. 52). Nessa passagem, fica evidente o rompimento com o senso-comum. É habitual a elaboração dessa construção adverbial num formato inverso; ou seja, quanto menos tempo se passa, mais preciso se propõe ser um relato. Aqui, contrariando a força cronológica, o que importa é o tempo linguístico, “que não é redutível a nenhum outro tempo” (ARFUCH, 2010, p. 113), e sim produzido na (e pela) realidade da enunciação.

A expressão “forçando a barra” (SANTIAGO, 2005, p. 61), outro clichê presente na obra de Silviano, e como tantos outros, incorporado num contexto no qual assume uma importância fundamental na composição do texto, delinea dois momentos da narrativa, que podem ser diferenciados: a) o primeiro momento, em que o narrador, em viagem, se relaciona com Ed e b) o segundo momento, em que o narrador, a trabalho, se relaciona com Tom.

É importante também salientar que esse clichê, no contexto narrativo, funciona como extensão de uma ideia anterior: a visão de um advogado sobre amizade, e possibilita com isso que o leitor levante especulações acerca do desejo do narrador de ir além, de buscar novas possibilidades, de romper o previsível, ou seja, “forçar a barra”, destacando o (im)provável no cenário da autoficção. Esse ato de insistência, supostamente, refere-se à vontade do narrador em provar para si, ou para o leitor, que talvez fosse possível estabelecer uma amizade em menos de 30 anos:

Um advogado das minhas relações, que gostaria de considerar amigo, diz que só se pode adjetivar alguém com essa palavra depois de 30 anos de boa convivência. Durante boa parte da minha vida adulta, não cheguei a conviver com ninguém por mais de dois anos. Como fazer a palavra amigo entrar no meu vocabulário de vida? (SANTIAGO, 2005, p. 61).

Os períodos “Dou marcha à ré. Volto ao diálogo do nosso penúltimo encontro” (SANTIAGO, 2005, p.56) reforçam a perspectiva de um “terceiro tempo” que ponteia a temporalidade pós-moderna, manifesta de maneira patente na obra analisada. Também a palavra gongo, recuperada de outro clichê, bastante difundido na linguagem brasileira “salvo pelo gongo”, participa efetivamente do jogo semântico destinado a demarcar ações, o que pode ser observado no trecho: “O gongo do garçom nos salvou. Já tinha gritado Last call anunciando o fim do happ hour” (SANTIAGO, 2005, p. 56).

Outro dado importante na construção narrativa, e que revela o viés híbrido do projeto literário de Silviano Santiago, é a presença constante de expressões da língua inglesa. O próprio título Ed e Tom, abreviações de Edward (supostamente) e Thomas O’ Reilly, não causam estranhamento (fônico) ao leitor, devido à afinidade e à popularização desses dois nomes no cenário linguístico nacional. Além disso, os nomes de localidades de outra nação, assim como expressões de outra cultura, contribuem para a verossimilhança da narrativa. O espaço narrativo se localiza geograficamente nos Estados Unidos. Daí, a forte presença de referências norte-americanas. O curioso é que as escolhas vocabulares da linguagem estrangeira presentes no conto, como “fucking”, “happy hour” e “seven”, comumente participam das práticas linguísticas de diversos grupos e contextos brasileiros. Isso, também, corrobora com o vezo universal da linguagem de Santiago.

Sobre a (meta)linguagem de “Histórias mal contadas”

Vale dizer que Silviano Santiago insinua em “Ed e Tom” uma via de narrativa autobiográfica paralela à dos postulados franceses. Ou seja, no conto deslindado, não há aproximação homônima entre autor, narrador e personagem. O que se observa é a possibilidade de criação simultânea de ambos, autor e narrador. Nesse sentido, a metalinguagem no conto merece atenção, pois nela se performa o narrador e, a partir dela, surgem indícios de autoria. Para Klinger (2007), isso se deve – a exemplo do que ocorre na performance – ao fato de que:

Na autoficção convivem o autor (o ator) e o personagem, de tal forma que não se procura aumentar a verossimilhança, pois ela, como vimos, aumentaria paradoxalmente o caráter ficcional. No texto de autoficção, entendido neste sentido, quebra-se o caráter naturalizado da autobiografia (a correspondência entre a narrativa e a vida do autor, ou, como prefere Lejeune, a coincidência onomástica somada ao pacto

estabelecido pelo autor) numa forma discursiva que ao mesmo tempo exhibe o sujeito e o questiona, ou seja, que expõe a subjetividade e a escritura como processos em construção. Assim a obra de autoficção também é comparável à arte da performance na medida em que ambos se apresentam como textos inacabados, improvisados, work in progress, como se o leitor assistisse “ao vivo” ao processo da escrita (KLINGER, 2007, p. 56).

Numa outra perspectiva, se considerarmos como marcas da autoficção o empréstimo de parte de sua vida ao texto que se constrói, Silviano recria uma história com a ajuda de elementos da sua própria história, (re)inventando-se por meio de elementos ficcionais. O fato de narrador e autor apresentarem pontos ou características comuns, como, por exemplo, o exercício da docência, sugerem dados biográficos. Tanto o autor quanto o narrador da obra em análise são professores. Sendo assim, a presença de um modo particular, didático, de explicar ideias, emitir opiniões, pode ser observada nos trechos: “Todo e qualquer objeto era precedido do adjetivo fucking. Passa-me o fucking garfo, o fucking sal ou o fucking jornal. Não sei como surgiu a moda, mas sei que pegou e com os anos virou clichê” (SANTIAGO, 2005, p. 58) e “Os gringos não usam os verbos oferecer ou convidar, dizem comprar” (SANTIAGO, 2005, p. 58).

A escolha de aforismos, jargões e imagens que povoam o imaginário popular estabelece um alto grau de sofisticação na metalinguagem narrativa. Embora pareça paradoxal, é possível afirmar que se trata de uma linguagem fantasiada de simples, despretensiosa, mas que no íntimo contém um apinhado de provocações filosóficas. Sendo assim, o aparentemente “pronto”, como uma pergunta-clichê: “O que tem a ver o cu com as calças?” (SANTIAGO, 2005, p. 57), pode servir de pretexto, por exemplo, para uma aula sobre causa e efeito:

Ed sorriu com a expressão que evoquei. Disse que se o cu não estivesse bem limpo, emporcalharia a calça. A sujeira nos fundinhos delas – mais o fedor – acabariam empestando o ambiente. “Não era melhor ensinar a criança a limpar o cu?” (SANTIAGO, 2005, p. 58).

Dentre outros recursos de linguagem presentes em “Ed e Tom”, podemos destacar o uso da metáfora, pela sutileza do emprego da simbologia na linguagem. Já na epígrafe, o nome Michael Jackson, pop star norte americano, se apresenta como uma metáfora. Os indícios do crime e as inferências da pedofilia são (re)montados a partir dele, haja vista que, desde 1993, antes de falecer, o cantor veio se envolvendo em

escândalos sexuais: “As pessoas pensam sempre em sexo. Mas quando vejo uma criança, vejo a imagem de Deus” (SANTIAGO, 2005, p. 49).

Mesmo, em 2005, Michael Jackson ter sido absolvido de todas as acusações, a veracidade dos acontecimentos repousa sobre incertezas. Com sua morte, a dúvida de que de fato ele abusava sexualmente de criança entrou na história, criando no real a indecidibilidade que permeia o espaço da autoficção, e mostrando que o limite entre a ficção e a realidade é uma linha tênue. O fenômeno da música norte-americana e Tom são acusados do mesmo crime: a pedofilia. Mas tanto na verdade do real quanto na verdade da ficção, tudo não passa de acusações. Trata-se de “histórias mal contadas”, para retomarmos o pensamento de Silviano Santiago:

Tom tinha se declarado inocente. A seu favor o fato de ser católico praticante. Ajudava a rezar a missa na igreja de New Brunswick. [...] Não falava coisa com coisa, repetia que meninos anjos loiros desciam do céu a seu pedido. Socorriam-no nos momentos mais angustiantes e desesperadores da vida. [...] Se o professor O'Reilly não conseguisse provar a inocência, seria expulso (SANTIAGO, 2005, p. 70).

O número sete, também, é uma das metáforas muito significativa na trama textual. Abre ao leitor um leque de possibilidades inventivas, seja no âmbito de simples superstições ou até mesmo, historicamente, no campo religioso e mitológico. Conforme já mencionado anteriormente, no sumário da obra *Histórias mal contadas*, podemos observar que os doze contos estão dispostos numa sequência de cinco “Histórias mal contadas” e sete “Histórias apropriadas”. Isso já nos possibilita inferir que esta disposição, privilegiando o número sete, não seja mero acaso. Enquanto metáfora, o sete recebe um toque genial das mãos de Santiago. Sua primeira aparição, no conto, se dá devido à preferência do narrador pela bebida *seven and seven*, uma mistura de uísque *canadian club*, rotulado pelo número sete, com o refrigerante *seven up*, o qual traz também o sete na logomarca.

Vale lembrar que o sete é místico por excelência, sendo reverenciado por todas as religiões e seitas, das mais primitivas às mais modernas. Representa a criação do universo, pois corresponde à soma dos quatro elementos do mundo físico (terra, ar, fogo e água) e da trindade divina. Além disso, há sete dons do Espírito Santo, representados na arte gótica em forma de pomba; sete virtudes; sete artes; sete ciências; sete sacramentos; sete pedidos expressos no “Pai Nosso” e sete pecados capitais. Coincidência ou não, um dos novos pecados capitais divulgados pelo Vaticano,

adequados à globalização, é o uso abusivo das drogas. Nesse sentido, ser alcoólatra, ou seja, viciado em álcool, é estar sob o julgo do pecado.

Obviamente, diversas leituras podem ser feitas a partir deste quadro: Dois homens bebendo e conversando no bar do Savoy. Um toma *vodka* pura num copo baixo. Já, o outro; *seven and seven*, num copo longo. Entretanto, uma possível análise recai sobre a ideia da tensão existente entre o puro e o impuro, a perfeição e a imperfeição, o equilíbrio e o desequilíbrio. Ora, enquanto a bebida acende o motor da conversa, surge a imagem de um alcoólatra confesso e um, metaforicamente, padre-confessor. Ed, ao confessar os supostos pecados ao narrador, remonta à noção de pecado e perdão:

No copo baixo de Ed, a vodka pura trasbordava on the rocks. Meu copo longo continha uma mistura açucarada, em moda na cidade: uísque Canadian club com refrigerante Seven up. No rótulo do uísque estava impresso um enorme 7. Seven and seven era o nome da mistura (SANTIAGO, 2005, p. 51).

Percebe-se, nesse recorte, que alguns valores éticos podem ser chamados também para a conversa. “Quando o trimotor decola, desinibindo os dois camaradas de happy hour” (SANTIAGO, 2005, p. 51), Ed confessa seu “pecado” ao narrador, enquanto este, se performando em um “padre-confessor”, escuta, atentamente, todas as justificativas do suposto pecador.

Há alguns diálogos que podem se estabelecer com o conto em voga e outros textos. O “Poema de Sete Faces”⁵ (ANDRADE, 2008, p. 21), de Carlos Drummond de Andrade, por exemplo, faz alusão à bebida alcoólica. Nele, o eu-lírico, ao ingerir conhaque, se vê “comovido como o diabo”. Também um exemplo colhido do Novo Testamento associa o número sete à perfeição, colocando-o diretamente em conflito com a noção de pecado sob a ótica cristã. O apóstolo Pedro (MATEUS, 18), ao questionar o Mestre se o perdão deve ser praticado por sete vezes, Jesus lhe responde que se deve perdoar setenta vezes sete. Essa multiplicação do número sete incide na ideia de infinitude, sugerindo, de acordo com o ensinamento bíblico, que o perdão deve ser exercido ao próximo quantas vezes forem necessárias.

Por fim, em “Ed e Tom”, o número sete é retomado num segundo momento. Estando na casa de Tom, o narrador sugere, simbolicamente, não encontrar as marcas da

⁵ Nesse poema, o eu-lírico se denomina Carlos, a exemplo do autor Carlos Drummond de Andrade. Constatando na poesia indícios de elementos autoficcionais: “Quando nasci, um anjo torto / desses que vivem na sombra / disse: Vai, Carlos! ser gauche na vida” (ANDRADE, 2008, p. 21).

santidade, da pureza, do equilíbrio, da perfeição. Talvez, com isso, deixa escapar pistas de que, de fato, ele acredita que seu companheiro de profissão seja um criminoso. Faltava no ambiente de Tom o número sete: “Lembrou-se de que nada tinha me oferecido para beber. Penitenciou-se pela negligência. Disse-lhe que tomaria de bom grado um seven and seven. Não tinha em casa nem um dos dois setes” (SANTIAGO, 2005, p. 64).

Considerações finais

Se “Ed e Tom” faz parte do conjunto de obras literárias que dessacralizam a figura do autor, tirando-o do pedestal e trazendo-o para o nível do chão, suscita-se nele e a partir dele, o pensamento de que vida e arte são coisas imbricadas, pois não há arte fora da vida e, tampouco, autor fora da obra, confirmando assim que todo texto, em certa medida, é autobiográfico. O objeto de interesse do leitor não deve ser a verdade da vida, para questionar os pilares éticos, políticos e estéticos que circundam as escritas de si, mas, partindo das ideias trazidas a lume pela verdade ficcional, questionar esses valores presentes na vida e na arte.

Considerando a autoficção como efeito de leitura, o olhar do leitor é responsável por construir pontes, para interligar os dados que se encontram separados por “abismos” do campo narrativo autoficcional. Pensando “Ed e Tom”, à luz de valores éticos e políticos, é possível encontrar, nele, temáticas bem presentes na contemporaneidade, como alcoolismo e pedofilia. Já, na tentativa de entender a proposta estética de Silviano Santiago, no conto em questão, vem à tona uma perspectiva interessante de produzir literatura, deixando, na escrita, as digitais do autor.

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Antologia Poética** (Organizada pelo autor). 60ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

ARFUCH, Leonor. A vida como narração. In: _____. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Trad. Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010, p. 111-150.

BARTHES, Roland. Deliberação. In: _____. **O rumor da língua**. Trad. Antônio Gonçalves. Lisboa: Edições 70, 1987, p. 303-313.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?**. Tradução Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CHARTIER, Roger. **O que é um autor? Revisão de uma genealogia**. Tradução Lusmara Corcino; Carlos Eduardo Bezerra. São Carlos: EdUFSCar, 2012.

MATEUS, 18. In: **BÍBLIA Sagrada (revista e atualizada no Brasil)**. Tradução: João Ferreira de Almeida. 2ª ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.

FIGUEIREDO, Eurídice **Autoficção feminina: a mulher nua diante do espelho**. Revista Criação & Crítica, nº 4, de abril de 2010. Disponível em: <file:///C:/Users/USER/Desktop/Artigo%20Abralic/46790-Texto%20do%20artigo-56256-1-10-20121115.pdf>. Acesso em 20 de mar. 2018.

FIGUEIREDO, Eurídice. Formas e variações autobiográficas. A autoficção. In: _____. **Mulheres ao espelho: autobiografia, ficção, autoficção**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013, p. 13-44.

SANTIAGO, Silviano. **Histórias mal contadas: contos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.